

# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

*Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdigleir Borges Prado  
(Organizadores)*



# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

*Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdigleir Borges Prado  
(Organizadores)*



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdiglei Borges Prado

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R382 Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Éverton Nery Carneiro, Valdiglei Borges Prado. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-948-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.483222102>

1. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Carneiro, Éverton Nery (Organizador). III. Prado, Valdiglei Borges (Organizador). IV. Título.

CDD 200

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, saudação.

Religião e sentido à vida: narrativas histórias, tradições e símbolos é um e-book elaborado a partir de vários olhares e práticas investigativas que transita pelos eixos das Ciências Humanas e Sociais estabelecendo relações dialógicas com tema como: Teologia, Filosofia, Religiosidade, Espiritualidade, Diálogos, Narrativas, Símbolos (...) e nesse bojo o sentido à vida. Organizado em seis capítulos teóricos onde primeiro deles, propõe ao ouvinte-leitor hodierno um mergulho no mundo narrado, prestando atenção no design narrativo do enredo, na retórica do discurso narrativo, bem como no arco dramático das personagens. O segundo capítulo, busca evidenciar que a vivência da fé na Era Digital se torna um imperativo para reflexão a partir de uma práxis na Pastoral da Comunicação Social – PASCOM. O terceiro capítulo, debate particularmente as interpretações acerca da relação entre Igreja Católica, outras denominações do Cristianismo e religiões não cristãs nos escritos de Joseph Ratzinger sobre o Concílio Vaticano II. O quarto capítulo, visa apresentar a cultura da época e o pensamento dos primeiros cristãos, expor a ideia grega de perfeição e confrontá-la com o pensamento cristão, que via na preocupação excessiva com a forma um paganismo, e compreender por que os cristãos abandonam o modo grego de fazer arte, o que do ponto de vista estético é visto como decadência. O quinto capítulo, analisa a função da linguagem visual do Tarô e seu desenvolvimento desde a Europa medieval até o Brasil contemporâneo, usando da hermenêutica simbólica, com ênfase ao estudo de Gilbert Durand, além de autores relevantes que complementam o pensar simbólico. O sexto capítulo, traz a percepção de que o diálogo que levanta a questão da religião tem abordagem complexa, especialmente quando se concentra nas religiões africanas, dada a recusa da literatura acadêmica e o papel negativo que historicamente moldou a matriz social baseada na desigualdade. À guisa de conclusão, arriscamos dizer que os textos desta obra e seus arranjos, sua interrelação com a religiosidade e com a espiritualidade, nos fazem refletir sobre a importância da religião, como uma fonte antiga e também atual, de sentido à vida.

Isto dito, desejamos a todos, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação  
Éverton Nery Carneiro  
Valdiglei Borges Prado

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ANÁLISE NARRATIVA E AS PERSONAGENS DA BÍBLIA HEBRAICA	
Petterson Brey	
Francisca Cirlena C. O. Suzuki	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221021">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221021</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
DISCIPULADO DE IGUAIS, MULHERES E HOMENS, NA MISSÃO DE JESUS CRISTO EM REDE: COMUNICANDO A FÉ CRISTÃ NA ERA DIGITAL	
Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon	
Diego Fernando Moreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221022">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221022</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
DIÁLOGO ENTRE RELIGIÕES NOS ESCRITOS DE JOSEPH RATZINGER SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II	
Danillo Rangell Pinheiro Pereira	
Iraeidson Santos Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221023">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221023</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
ARTE PALEOCRISTÃ: INSPIRAÇÃO AOS ARTISTAS SACROS CONTEMPORÂNEOS CLÁUDIO PASTRO E MARKO IVAN RUPNIK	
Wilma Steagall De Tommaso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221024">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221024</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
DO TARÔ EUROPEU MEDIEVAL AO TARÔ NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: SIMBOLOGIA ATRAVÉS DA EVOLUÇÃO IMAGÉTICA	
Kelma Amabile Mazziero de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221025">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221025</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
“DESPRECONCEITUOSAMENTE” UMBANDISTA: A RELIGIÃO NA PERSPECTIVA TEÓRICA DE PIERRE SANCHIS E DO DOCUMENTÁRIO “SANTO FORTE” DE EDUARDO COUTINHO	
Marcelo Máximo Purificação	
Elisângela Maura Catarino	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221026">https://doi.org/10.22533/at.ed.4832221026</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>70</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>72</b>

## DIÁLOGO ENTRE RELIGIÕES NOS ESCRITOS DE JOSEPH RATZINGER SOBRE O CONCÍLIO VATICANO II

*Data de aceite: 01/02/2022*

*Data de submissão: 10/01/2022*

### **Danillo Rangell Pinheiro Pereira**

Doutorando em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

### **Iraneidson Santos Costa**

[https://www.snpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=1133EBC0E04C89968CA74CE9BAD51EFD](https://www.snpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=1133EBC0E04C89968CA74CE9BAD51EFD)

**RESUMO:** Atualmente, desenvolvemos no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal da Bahia, uma pesquisa acerca das interpretações sobre o Concílio Vaticano II (1962-1965) presentes em escritos publicados pelos teólogos Joseph Ratzinger, atual Papa Emérito Bento XVI, e Leonardo Boff, teólogo e filósofo, expoente da Teologia da Libertação. O Presente artigo é resultante de uma comunicação apresentada no VI encontro Estadual de Ensino de História realizado pela Anpuh Bahia (2021), no Grupo de Discussão Ensino de História e Religião: perspectivas para o enfrentamento da intolerância. Debatedmos particularmente as interpretações acerca da relação entre Igreja Católica, outras denominações do Cristianismo e religiões não cristãs nos escritos de Joseph Ratzinger sobre o Concílio Vaticano II. O padre, teólogo, professor e pesquisador alemão; depois feito Bispo; Cardeal (1977); Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (1981-2005), e por fim, Papa (2005-2013), participou daquele

concílio e da confecção de alguns de seus textos. No decorrer de sua trajetória intelectual, foi um dos estudiosos católicos engajados nas disputas pela interpretação considerada legítima do evento no interior da Igreja romana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Igreja Católica, diálogo, hierarquia, povo de Deus.

### **DIALOGUE BETWEEN RELIGIONS IN JOSEPH RATZINGER'S WRITINGS ON THE II VATICAN COUNCIL**

**ABSTRACT:** Currently, in the History Graduate Program of the Federal University of Bahia, we are developing research on the interpretations of the Second Vatican Council (1962-1965) in some writings published by theologian and Pope Emeritus Benedict XVI Joseph Ratzinger, and theologian and philosopher Leonardo Boff, exponent of the Liberation Theology. This article is a result of a lecture given in the 6th State Meeting on History Teaching hosted by the ANPUNH Bahia (2021), in the Religion and History Teaching Discussion Group: perspective for facing intolerance. We debated particularly Joseph Ratzinger's interpretations of the relationship between the Catholic Church, other Christian denominations, and non-Christian religions, in his writings on the Second Vatican Council. The German father, theologian, professor; later, Bishop, Cardinal (1977); then, Prefect of the Congregation for the Doctrine and of the Faith (1981-2005), and, at last, Pope (2005-2013), took part in that council and in the writing of some of its texts. During his intellectual journey, he was one of the catholic scholars engaged in the disputes

over the interpretation considered legitimate for the event inside the Roman Church.

**KEYWORDS:** Catholic Church, dialogue, hierarch, God's people.

## INTRODUÇÃO

No presente artigo debatemos algumas das interpretações acerca da relação entre Igreja Católica, outras denominações do Cristianismo e religiões não cristãs nos escritos de Joseph Ratzinger sobre o Concílio Vaticano II. Os principais referenciais analíticos utilizados nessa reflexão são os conceitos de representação e apropriação retirados das formulações do historiador Roger Chartier (1991; 2002); trajetória e campo social do sociólogo Pierre Bourdieu (1996; 2005). Joseph Ratzinger e Leonardo Boff, teólogos católicos analisados na pesquisa que hora desenvolvemos, pensaram a história e missão da Igreja Católica em posições contextuais distintas; isso torna a análise comparativa de suas ideias e práticas religiosas bastante complexa<sup>1</sup>. Max Weber ao discutir os conceitos de sacerdote e profeta, no seu livro *Economia e Sociedade*, nos demonstra essa dinâmica muitas vezes tensa entre sujeitos pertencentes a uma instituição religiosa, que ora anunciam, ora denunciam, desvios de uma determinada mensagem de fé. (Cf. WEBER, 2015, pp. 310-314).

Joseph Ratzinger, estudioso católico aqui analisado, possui uma carreira eclesial interessante para compreendermos essas dificuldades, no que se refere a posturas ora conservadoras, e em outros aspectos, questionadoras da organização católica e seu compromisso no mundo de hoje. O esforço dos participantes do concílio de dialogar com protestantes, ortodoxos e religiões não cristãs, com seus avanços e limitações, é um exercício relevante para avançarmos na compreensão histórica e aprofundamento de uma sociedade mais livre e democrática. Ainda que muitos analistas (entre eles teólogos, cientistas sociais, jornalistas) tenham assinalado algumas limitações do diálogo inter-religioso na Igreja Católica, no período em que Ratzinger esteve à frente da Sagrada Congregação para a doutrina da Fé e no papado<sup>2</sup>, rotulá-lo como um conservador e/ou reacionário não é coerente com suas ricas contribuições teológicas e pastorais.

## O VATICANO II E O DIÁLOGO CATÓLICO COM AS OUTRAS RELIGIÕES

O Concílio Vaticano II (1962-1965) é considerado o acontecimento mais importante da Igreja Católica no século XX. Seu diferencial em relação aos Concílios anteriores foi o

---

1 No Simpósio Nacional de História de 2019 (Anpuh, realizada na Universidade Federal de Pernambuco em Recife), apresentei um artigo inicial, com o título: Considerações preliminares das interpretações do Concílio Vaticano II nos Escritos de Joseph Ratzinger e Leonardo Boff. Em 2021, no Simpósio Nacional online da Anpuh, que seria realizado no Rio de Janeiro, aprofundi um pouco mais as reflexões no artigo Joseph Ratzinger e Leonardo Boff: alguns pontos de aproximação e distanciamento. Em dezembro de 2021 este último artigo foi publicado pela Atena Editora no capítulo 7 do livro *Chave de Compreensão da História: Cultura e Identidades 2*.

2 Entre algumas observações críticas a carreira eclesial de Joseph Ratzinger estão: os debates tensos com a Teologia da Libertação, com a Teologia Feminista, com teólogos católicos que se aproximaram das tradições africanas, indígenas, e religiões asiáticas. Controverso foi também considerado o relacionamento com movimentos conservadores, a exemplo da Opus Dei e a Fraternidade Sacerdotal São Pio X.

fato de que não foi convocado para estabelecer dogmas ou condenar heresias. Sua tarefa foi repensar o que a Igreja Católica compreendia sobre si mesma e sobre sua relação com o mundo de hoje. De acordo com o teólogo João Batista Libânio (2005), quatro palavras definem o essencial naquele acontecimento; são elas: pastoral, atualização (chamada pelo Papa João XXIII de *aggiornamento*), ecumênico, dialógico. 1) Pastoral, porque os católicos fizeram um esforço para compreender quem é a Igreja e qual sua missão no mundo de hoje; 2) atualização, porque sua mensagem de fé iniciada num contexto distinto do atual demanda aproximações para compreensão dos homens de hoje; 3) ecumênico, porque houve um esforço da maioria dos padres daquele evento em se aproximar de outras denominações cristãs e credos religiosos; 4) dialógico pelo reconhecimento da necessidade de buscar dialogar a fé católica com outras cosmovisões existentes no mundo, entre elas a ciência, a filosofia, o ateísmo.

Entre as preocupações de Joseph Ratzinger como teólogo católico, durante e após o Concílio do século passado, estavam de certa forma as divisões internas geradas pelas múltiplas interpretações sobre o evento. Isto dificultou para muitos católicos uma compreensão unitária da Igreja como povo de Deus, hierarquia e, ao mesmo tempo, corpo místico de Cristo. Foram notáveis entre fiéis questionamentos sobre a manutenção da tradição doutrinal, com ênfase na hegemonia do clero e controle da Cúria Romana sobre os assuntos da Igreja. Seus textos reconheceram o lado inovador do, até o presente momento, último Concílio Católico e sua originalidade em relação aos anteriores. Ademais, defendeu uma interpretação da continuidade (histórica e teológica) nas leituras dos documentos produzidos pelos participantes do evento (Cf. RATZINGER, 1985, p. 17), assumindo assim uma posição definida, em uma luta mais ampla, pelo “legítimo sentido” dado a esse acontecimento na história da Igreja Católica.

De acordo com Ratzinger, dialogar com a modernidade não significa abrir mão de uma tradição e identidade próprias da Igreja Católica, mas sim encontrar caminhos mais efetivos de apresentá-la ao mundo de hoje. (RATZINGER, 1985; 2006; 2008; 2015; 2019; 2020). Estas concepções influenciaram um dos documentos mais controversos do catolicismo contemporâneo, o *Dominus Jesus* (2000). Para muitos teólogos, entre eles o brasileiro Leonardo Boff, foi um retrocesso para o diálogo ecumênico e significou uma frustração para mais de 50 anos de esforços a favor de tal propósito (BOFF, 2020). Sem entrar necessariamente nesta polêmica recente, seriam os textos do teólogo Joseph Ratzinger contrários ao debate ecumênico? Uma das características marcantes de seu pensamento é a busca do diálogo (em vários momentos complexos) entre fé, razão e história. (RATZINGER, 2006; 2012; 2013; 2015).

Em sua trajetória como intelectual católico e professor em várias universidades alemãs, Ratzinger assumiu postura crítica a certas inovações da modernidade capitalista e à intensidade dos efeitos da secularização. (ASSUNÇÃO, 2018; BLASCO, 2005; RATZINGER, 1969; 2006; 2015; 2016; TORNIELLI, 2006). O então Papa Paulo VI viu nele

um bom nome para assumir o Arcebispado de Munique e Frisinga, e logo em seguida, o posto de Cardeal. Seu trabalho como teólogo, somado ao de Arcebispo, foi também reconhecido pelo Papa João Paulo II, que o convocou por duas vezes para trabalhar em Roma. No segundo momento – com o sim –, incumbeu-lhe a missão de dirigir a prefeitura da Congregação para a Doutrina da Fé, órgão responsável pela defesa da doutrina oficial católica, com a dura tarefa de conter certos excessos encorajados pelo ambiente de abertura do pós-Concílio Vaticano II. Anos antes, o teólogo alemão já havia escrito balanços sobre o tema em questão. Num deles, de 1975, expressou críticas a certa atmosfera reformista, que a todo custo preocupava-se excessivamente com as reformas estruturais da instituição católica e pouco com um encontro profundo com Deus. (Cf. RATZINGER, 2008, p. 378).

As tensões indicadas por Joseph Ratzinger, no balanço de 10 anos após o encerramento do Vaticano II, também foram preocupações dos Papas Paulo VI, e depois, João Paulo II. Por essa razão, em 1985, foi convocado por este último o Sínodo extraordinários dos Bispos. Entre 24 de novembro e 8 de dezembro de 1985, 165 bispos representantes das conferências episcopais (em parte, indicados por João Paulo II) discutiram o papel do Vaticano II na Igreja pós-conciliar e desenvolveram alguns princípios para recepção e interpretação do evento, quando este completou, na época, 20 anos de seu encerramento (Cf. FAGGIOLI, 2013, pp. 123-125). De acordo com o historiador italiano Massimo Faggioli, o sínodo extraordinário dos Bispos de 1985 foi um marco importante porque representou a primeira grande tentativa do pontificado de João Paulo II de orientar a recepção do Concílio Vaticano II na direção por ele desejada (Cf. FAGGIOLI, 2013, pp. 126-127).

Joseph Ratzinger foi um intelectual importante na construção desta direção objetivada por Roma. Naquele ano, o então Cardeal e Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé publicou junto com o jornalista Vittorio Messori um livro, fruto de uma longa entrevista, anteriormente divulgada, em parte, em algumas edições da Revista *Communio*<sup>3</sup>. A obra completa saiu em português, com o título: *A Fé em crise o Cardeal Ratzinger se Interroga*. O texto circulou bastante e obteve repercussão mundial entre teólogos e estudiosos do Concílio, a ponto de um cardeal ter polemizado com a seguinte pergunta: é um Sínodo sobre um livro ou sobre o Concílio Vaticano II?

Ao ser interrogado sobre o Concílio Vaticano II pelo jornalista Vittorio Messori, respondeu Ratzinger:

Em primeiro lugar é impossível para um católico tomar posição a favor do Vaticano II contra Trento ou o Vaticano I. Quem aceita o Vaticano II, assim como ele se expressou claramente na letra, e entendeu-lhe o espírito, afirma ao mesmo tempo a ininterrupta tradição da Igreja, em particular os dois concílios precedentes. E isso deve valer para o chamado 'progressismo', pelo menos em suas formas extremas. Segundo: do mesmo modo, é impossível decidir-se a favor de Trento e do Vaticano I contra o Vaticano II. Quem nega o

<sup>3</sup> Este é um dos exemplos destas publicações. RATZINGER, Joseph. Eis por que a Fé Está em Crise. *Communio*. n. 19. pp. 5-24. Jan. Fev. 1985.

Vaticano II, nega a autoridade que sustenta os outros dois concílios e, dessa forma, os separa de seu fundamento. E isso deve valer para o chamado 'tradicionalismo', também ele em suas formas extremas. Perante o Vaticano II, qualquer opção parcial destrói o todo, a própria história da Igreja, que só pode subsistir com uma unidade indivisível. (RATZINGER; MESSORI, 1985, p. 16).

Preocupado de certa forma com as divisões internas, a manutenção da tradição doutrinal, a hegemonia do clero e o controle da cúria Romana sobre os assuntos de Igreja, Ratzinger defendeu uma interpretação de continuidade nas leituras dos documentos produzidos durante o Vaticano II, muitas vezes em conflito pela legitimidade dessa compreensão entre os intelectuais no interior da Igreja católica. Sobre os problemas internos causados por esse conflito é possível ler comentários de Ratzinger como:

Os papas e os padres conciliares esperavam uma nova unidade católica, e pelo contrário, caminhou-se ao encontro de uma dissensão que, para usar as palavras de Paulo VI, pareceu passar da autocrítica à autodestruição. Esperava-se um novo entusiasmo, e, no entanto, muito frequentemente chegou-se ao tédio e ao desencorajamento. Esperava-se um impulso à frente, e, no entanto, o que se viu foi um progressivo processo de decadência que veio se desenvolvendo, em larga medida, sob o signo de um presumido 'espírito do concílio' e que dessa forma, acabou por desacreditá-lo. (RATZINGER; MESSORI, 1985, p. 17).

As interpretações de Ratzinger sobre o Vaticano II fizeram deste teólogo um aliado importante do Papa João Paulo II, na sua complexa missão de conter certos excessos no interior da instituição e, de certa forma, propor a volta de práticas disciplinares para o clero mais afinadas à tradição hierárquica da Igreja. Às vésperas do sínodo de 1985, Ratzinger explicou o que compreendia sobre restauração:

[...]. Se por 'restauração' se entende um voltar atrás, então nenhuma restauração é possível. A Igreja caminha para frente, rumo a realização da história, olha a diante, para o senhor que vem. Não, para trás não se torna nem pode tornar. Nenhuma 'restauração', portanto, neste sentido. Mas, se por 'restauração' compreendemos a busca de um novo equilíbrio [...] após os exageros de uma indiscriminada abertura ao mundo, após as interpretações por demais positivas de um mundo agnóstico e ateu, pois bem, então uma 'restauração' entendida neste sentido (isto é, um equilíbrio redescoberto da orientação e dos valores no âmbito da totalidade católica), uma tal 'restauração' é absolutamente almejavável e, aliás, já está em ação na Igreja. Neste sentido pode-se dizer que se encerrou a primeira fase após o Concílio Vaticano II (RATZINGER; MESSORI, 1985, p. 23).

Diante dos argumentos expostos, é pertinente destacar a interpretação oficial sobre o Vaticano II assumida pela hierarquia eclesiástica desde o pontificado de João Paulo II, após a convocação do Sínodo dos Bispos (1985), e também reforçada quando Ratzinger ocupava o papado. No discurso à Cúria Romana, de 22 de dezembro de 2005, o então Papa Bento XVI apresentou uma abordagem teológica sobre o evento, feita com base nos 16 textos de desigual valor doutrinário que ele produziu. O conjunto destes textos exprime

– de acordo com a então autoridade suprema da igreja – um magistério não infalível, mas autêntico, que deve ser lido em continuidade com os documentos que o precedem e lhe seguiram, ou seja, “à luz da tradição”. (Cf. MATEI, 2013, pp. 10-11; RATZINGER; MESSORI, 1985, pp 21-26). Sobre esse assunto, podemos ler no pronunciamento do pontífice:

[..]. Surge a pergunta: por que a recepção do Concílio, em grandes partes da Igreja, até agora teve lugar de modo tão difícil? Pois bem, tudo depende da justa interpretação do Concílio ou como diríamos hoje da sua correcta hermenêutica, da justa chave de leitura e de aplicação. Os problemas da recepção derivaram do facto de que duas hermenêuticas contrárias se embateram e disputaram entre si. Uma causou confusão, a outra, silenciosamente mas de modo cada vez mais visível, produziu e produz frutos. Por um lado, existe uma interpretação que gostaria de definir “hermenêutica da descontinuidade e da ruptura”; não raro, ela pôde valer-se da simpatia dos mass media e também de uma parte da teologia moderna. Por outro lado, há a “hermenêutica da reforma”, da renovação na continuidade do único sujeito-Igreja, que o Senhor nos concedeu; é um sujeito que cresce no tempo e se desenvolve, permanecendo porém sempre o mesmo, único sujeito do Povo de Deus a caminho. A hermenêutica da descontinuidade corre o risco de terminar numa ruptura entre a Igreja pré-conciliar e a Igreja pós-conciliar. Ela afirma que os textos do Concílio como tais ainda não seriam a verdadeira expressão do espírito do Concílio. (BENTO XVI, 2005, p. 5).

Embora tenha sido tornada oficial, a leitura do Papa é uma entre muitas existentes acerca do tema. Estudiosos do pensamento de Joseph Ratzinger, como Pablo Blanco (2005;2019), Emerson Mozart da Silva (2017) e Rudy Albino de Assunção (2018), ao discutirem alguns dos escritos do teólogo alemão sobre o concílio Vaticano II, apresentam uma visão reformadora afinada com a concepção de atualização defendida pelo Papa João XXIII, portanto, dialogante com o mundo moderno. Já Massimo Faggioli (2013), historiador da escola de Bolonha, ainda que reconheça a complexidade e dificuldades de categorizações acerca do pensamento dos padres e bispos participantes do Concílio Vaticano II, apresenta Ratzinger como muito influenciado pela visão dos teólogos neoagostinianos e, de certa maneira, reticente a certas aberturas à chamada modernidade secularizada.

Nota-se que o destacado teólogo Ratzinger, após a nomeação episcopal, seguiu sua trajetória por dentro dos quadros de poder institucional, ocupando posições de fiscalização da doutrina, chegando posteriormente, quando sonhava com uma tranquila aposentadoria, ao mais alto posto de comando. Tal experiência foi relevante nos seus posicionamentos práticos em muitos momentos favoráveis a uma postura de conservação da doutrina católica. Entretanto, é destacável reconhecer sua opção de pensador crítico, disponível para o debate das ideias a ponto de, em vários momentos como Cardeal, discutir com intelectuais destacáveis no pensamento filosófico, a exemplo de Jurgen Habermas e Flores D’Arcais. (HABERMAS; RATZINGER, 2007; RATZINGER, BENTO XVI; D’ARCAIS, 2016).

Como teólogo, o então padre e professor Ratzinger acompanhou o evento em todas as suas fases e contribuiu para dar forma aos seus documentos. A princípio, suas

contribuições se desenvolveram ao lado do Arcebispo de Colônia, o cardeal Joseph Frings, de quem era perito particular. Posteriormente foi nomeado pelo Papa Paulo VI como perito oficial no evento e pôde contribuir como membro autônomo de diversas comissões. Essa expressiva participação é descrita por Emerson Mozart Silva da seguinte maneira:

Um pequeno grupo restrito formado por: Karl Rahner, Jean Daniéllon, Joseph Ratzinger e Yves Congar, sendo que posteriormente Karl Rahner chama a integrar esta equipe M. M. Labourdette, redigirá um proemium que teria como temática a História Salutis e Kerigmática [...]. de acordo com um esquema elaborado anteriormente por D. Volk. Este esquema, ou proposta de proemium para o documento De Ecclesia, que teve contributo de Joseph Ratzinger, segundo o testemunho de Yves Congar, deu origem ao que posteriormente ficou como primeiro capítulo da *Lumen Gentium*. [...]. (SILVA, 2017, p. 76).

Além de expressivas participações na elaboração da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o teólogo Ratzinger também colaborou na confecção da Constituição *Dei Verbum*, no documento sobre a colegialidade dos Bispos, assunto que lhe oportunizou uma publicação no primeiro volume da revista *Concilium*, em janeiro de 1965; e uma discussão mais aprofundada do assunto na defesa da tese da continuidade presente na história da Igreja Católica, no seu livro *O Novo Povo de Deus*, 1969. Outras contribuições foram suas advertências ao que o teólogo compreendeu como interpretação excessivamente otimista do documento sobre a Igreja no Mundo, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Sobre este assunto, comentou um biógrafo de Ratzinger, Pablo Blanco:

No discurso de inauguração desse último período do Concílio, Paulo VI tinha falado não só de paz, esperança e amor, mas também de fome, guerra e perguntas sem resposta. Como eco a essas palavras, redigiu-se nesse período a constituição pastoral *Gaudium et spes*, sobre a missão da igreja no mundo. Ratzinger achou o primeiro esquema demasiado otimista e ingênuo: pouco teológico, numa palavra. Em sua opinião, “a fé era apresentada como uma espécie de obscura filosofia sobre coisas das quais não se sabe nada” e tinha por traz uma eclesiologia diferente da da *Lumen gentium*, na qual se silenciava em parte a dimensão vertical e teológica, para sublinhar a horizontal e puramente humana; a Igreja ficava quase reduzida a uma ONG, a uma instituição humanitária internacional. (BLANCO, 2005, p. 70).

As advertências em relação a tal perspectiva proposta por parte deste conteúdo reformador, segundo Ratzinger, poderiam levar ao desvirtuamento do verdadeiro conteúdo efetivo da fé. Tal análise provocou mudanças no porta voz dos bispos alemães, o Cardeal Frings, que pediu, em 27 de outubro de 1964, maior cautela na utilização de categorias como mundo, progresso e salvação. Orientação similar também foi dita em 28 de setembro, por um bispo polonês, Karol Wojtyła (Cf. BLANCO, 2005, pp. 70-71).

Esta visão reticente da Pastoral *Gaudium et Spes* foi vista por Leonardo Boff como uma característica pessimista no pensamento de Ratzinger. Em suas considerações, tal visão persistiu no papado de Bento XVI e de certa maneira foi influente em algumas considerações da Conferência do Conselho Episcopal Latino Americano (Celem), em

Aparecida 2007. (BOFF, 2013). Seria então predominante este pessimismo sobre as realidades terrenas no pensamento de Joseph Ratzinger?

O teólogo alemão viu o Concílio Vaticano II como acontecimento iluminador para os católicos na busca de um diálogo efetivo com o mundo de hoje e os novos desafios por ele apresentados. Entretanto, neste encontro, é necessário deixar claro o que pode ser considerado próprio da Igreja e próprio do mundo. “Na concepção ratzingeriana a Igreja é, por sua natureza, um ‘gesto de abertura’, que visa um sacro commercium entre Deus e os homens” (ASSUNÇÃO, 2018, p. 106). Este encontro, chamado de “comércio sagrado” entre Deus e a humanidade, pontuado por Assunção ao sintetizar o pensamento do teólogo alemão, pode ser identificado nas palavras do próprio Ratzinger, quando discute alguns critérios da então renovação do Vaticano II e seu diálogo com o mundo moderno:

[...] quando se fala de renovação se há necessariamente de perguntar: o que é, na verdade, o cristão? Não devemos, pois, inverter o problema e perguntar o que é que requerem os tempos modernos? O Cristianismo não é uma indústria que deve renovar continuamente sua publicidade, a fim de satisfazer aos gostos e aos desejos do público consumidor e afim de, evidentemente, vender com maior facilidade as suas mercadorias, até mesmo quando os clientes não tem necessidade do produto. Se assim fosse, poder-se-ia prever sem mais a completa falência da “empresa” Igreja. (RATZINGER, 2019, p. 344).

Percebe-se neste esclarecimento de Ratzinger que a abertura proposta pela Igreja, de acordo com as renovações empreendidas pelas autoridades católicas durante o Concílio Vaticano II, não exclui o papel missionário da instituição, pois, a proposta toma Jesus Cristo como centro; é, portanto, cristológica e não mundanizante. Sobre isso, o teólogo argumentou:

A fé cristã (valendo-nos de uma comparação um tanto descolorida) é antes, a medicina divina que se aplica não segundo os desejos e os gostos dos pacientes, justamente porque ela não os quer levar a destruição. Esse remédio divino quer, sim, libertar os homens de sua própria indigência para que eles se confiem inteiramente às normas da fé. Tendo presente esta comparação seremos imediatamente capazes de distinguir entre verdadeira e falsa renovação. (RATZINGER, 2019, pp. 344-345).

A verdadeira renovação, de acordo com o teólogo, é aquela que se preocupa com aquilo que é realmente cristão e que muitas vezes se encontra escondido. Já a falsa ocorre cegamente ao encair do homem ao invés de guiá-lo. A fé cristã precisa ser utilizada como recurso educativo dos gostos humanos e ajudar-nos para que percebamos o que é realmente humano e para que possamos desenvolver nossa sapiência, isto é, o gosto pelas coisas divinas, “pois, sem essas, todos os gostos humanos tornar-se-iam áridos e incipientes”. (RATZINGER, 2019, p. 345).

Em livros como *Introdução ao Cristianismo* (1967) *O que é ser cristão* (1969), Ratzinger analisou os problemas gerados pela excessiva mentalidade mundana de muitos

cristãos na atualidade. Ele contextualiza as propostas inovadoras no campo da teologia e eclesiologia, assim como pontua os grandes dramas do século XX (as duas guerras mundiais), que de certa forma colaboram para uma crise na perspectiva da confiança da utopia cristã. Em suas considerações sobre a mentalidade materialista e pragmática, que de certa forma influenciaram os tempos do Concílio Vaticano II, escreveu o teólogo:

Em uma época em que nos acostumamos a ver na matéria das coisas somente o material do trabalho humano, em que, dito brevemente, só consideramos o mundo como matéria e a matéria como material, não fica a esta, lugar para simbolizar a realidade do eterno, que é onde se apoia o princípio sacramental. [...]. O homem de hoje se interessa plenamente pelo problema da existência de Deus; também pela de Cristo.

Os sacramentos, porém, parecem-lhe demasiadamente eclesiásticos, algo excessivamente ligado a um período passado da fé, para que possa parecer útil um diálogo sobre eles [...]. (RATZINGER, 1969, pp. 68-69).

É importante recordarmos neste contexto que o concílio Vaticano II, na visão de Ratzinger, não trouxe consigo uma consciência de ruptura institucional, ou uma revolução profunda nos modos de ser católico, mas sim, nova postura diante da cultura moderna. Seu distanciamento em relação ao Vaticano I não se deu no sentido de negar a autoridade do evento ocorrido em finais do século XIX, mas sim de ampliá-lo na sua consciência de aceitação dos chamados bons frutos da realidade humana (cultura acumulada) nos novos tempos, em parte, também mediada pela inspiração divina.

O que percebemos em linhas gerais, ao analisar os comentários de Joseph Ratzinger sobre a abertura e diálogo com o Mundo proposto pela Igreja Católica após o Concílio Vaticano II, foi a busca de uma posição intermediária. “[...] sua leitura do ‘Concílio real’ não está radicada numa abertura total e nem mesmo no fechamento, no isolamento” (ASSUNÇÃO, 2018, p. 121). As questões que se põem diante da Igreja são diversificadas e devem receber um tratamento detalhado. O que é notável nas ideias do teólogo alemão é: o Vaticano II não propôs aos católicos, em seus documentos, nem uma recusa radical e nem uma adesão total ao mundo contemporâneo, mas sim, diálogo. Sua compreensão de diálogo influenciou e foi influenciada pela participação no evento e foi belamente exposta no seu livro *Natureza e Missão da Teologia* com as seguintes palavras:

[...] Diálogo não acontece simplesmente pelo fato de se falar. O mero falar é o fim e a ausência do diálogo. Diálogo só se dá quando ocorre não apenas o falar, mas o ouvir, e quando no ouvir realiza-se o encontro, no encontro o relacionamento, e no relacionamento a compreensão, como aprofundamento e compreensão do ser [...] (RATZINGER, 2012, p. 28).

Inspirada na memória de Jesus como salvador universal da humanidade, a Igreja Católica, para Ratzinger, necessita executar sua missão com o diálogo nesta perspectiva, assumindo uma posição, não de imposição da fé como outrora o fez, mas exposição do Evangelho e seus prováveis ganhos para aqueles que decidirem tomá-lo como fundamento

de vida no tempo presente. Em *Introdução ao Cristianismo*, podem-se ler as seguintes linhas:

[...]. A fé cristã não é uma ideia, ela é vida; ela não é um espírito que existe para si mesmo, ela é encarnação, é espírito no corpo da história e do nós que está implícita nela. Ela não é a mística da autoidentificação do espírito com Deus, e sim obediência e serviço: autossuperação e libertação do “eu” justamente porque este se vê colocado a serviço daquilo que não foi feito nem pensado por ele; libertação que consiste em ser posto a serviço do todo. (RATZINGER, 2015, p. 73).

Nos documentos conciliares houve expressivo esforço do mundo católico para viabilização do diálogo com outras profissões de fé. Segundo Joseph Ratzinger, os principais temas discutidos no concílio foram o da Igreja Católica, sua autocompreensão, seu diálogo com mundo, a revelação. O tema das religiões universais encontrava-se, de certa maneira, à margem; no trabalho do Concílio, como que por acaso e visto de fora, ocupou um lugar marginal no decreto *Nostra Aetate*, votado em 28 de outubro de 1965. (Cf. RATZINGER, 2016, p. 19).

A Princípio era, se me recordo bem, apenas uma declaração sobre a relação da Igreja com o judaísmo, que pareceu necessária por causa dos fatos dramáticos ocorridos durante o domínio nazista. Uma consciência nova sobre a relação dos cristãos com o povo judeu precisava tornar-se tema para o Concílio. (Cf. RATZINGER, 2016, p. 20).

Neste esforço dos padres conciliares já houve reconhecimento da relevância do assunto, assim como a percepção de suas dificuldades. Ratzinger comentou que, para os cristãos orientais que não podiam ver as experiências históricas do ocidente como suas, o documento não seria julgado defensável. Esta atenção aos cristãos do oriente também deveria estar unida a uma referência sobre o islã. “Depois dessa ampliação do tema, surgiu, quase por si mesma a conclusão de que deveria falar na totalidade do mundo das religiões não cristãs. Um decreto assim, acidentalmente surgido, revelou-se mais tarde especialmente dirigido ao futuro”. (Cf. RATZINGER, 2016, p. 20).

Para Ratzinger, os textos do Vaticano II poderiam ser divididos em duas classes: aqueles ligados à vida interna da Igreja, nos quais a compreensão de abertura ao mundo significa missão; e outros voltados para a dimensão externa da igreja, que entendem abertura como diálogo. Neste grupo estão os documentos sobre a liberdade religiosa (*Dignitatis Humanae*), sobre as religiões não cristãs (*Nostra Aetate*) e, sobretudo, a Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (*Gaudium et Spes*). (Cf. ASSUNÇÃO, 2018, p. 106).

Na *Gaudium et Spes*, Ratzinger reconhece os esforços dos padres conciliares em propor uma alternativa efetiva de diálogo e ação concreta da Igreja no mundo atual. Contudo, o teólogo alemão chamou a atenção para o otimismo, em parte, ingênuo, no seu ver, daquele documento, pois não deixa claras as tensões entre os valores que são do

mundo e os que são próprios da Igreja. (Cf. RATZINGER; 2008, p. 159-176; 2019, p. 368-378). Algumas de suas considerações acerca deste tema foram feitas em seu livro *Dogma e Anunciação* (1977), posteriormente publicado quando ocupou papado, com outro título, *Dogma e Anúncio* (2008). Na obra pode-se ler:

[...] digamos apenas, sem qualquer argumentação, uma breve palavra caracterizando a direção geral pela qual, na minha opinião, se deveria encaminhar o diálogo. Com base no evangelho, se pode contatar sem dificuldade que a tarefa da Igreja não pode ser o enraizamento nas coisas terrenas, em virtude do qual ela tentaria construir, por assim dizer, por sua própria iniciativa, alguma coisa semelhante a um mundo católico a parte. O mundo é antes único para todos os homens; a incumbência do cristão (e, portanto, do católico) não pode ser criar um mundo próprio para si. A sua tarefa é antes penetrar com o espírito de Jesus Cristo o mundo único de todos. O que a Igreja deve dar ao mundo não é um mundo modelar, à parte, o qual na realidade, muito depressa voltaria a tornar-se um mundo humano muito típico, como o mostraram à sociedade todas as tentativas dessa espécie na história. O que ela deve dar ao mundo é, antes, o único que ela pode dar: a palavra de Deus, da qual o homem vive não menos do que do pão desta terra. [...]. (RATZINGER, 2008, p. 175).

A Igreja, para Ratzinger, precisa ser este alimento do espírito humano, fonte de sabedoria, orientação de sentido e descoberta dos benefícios da prática do amor em comunhão com Cristo. Nesta complexa tarefa, o aperfeiçoamento deste serviço, além das escrituras bíblicas, possui também as boas lições do passado dos católicos como fonte de aprendizagem. Essa valorização da instituição Católica como sujeito é descrita nas seguintes palavras: “A profissão de fé, a palavra e a união criada por ela são, portanto, parte essencial da fé; fazem parte dela também a participação da liturgia da comunidade e, finalmente, aquele existir em conjunto com os outros que chamamos de Igreja” (RATZINGER, 2015, p. 73).

Tomando como base a atmosfera dos tempos conciliares, Ratzinger destacou dois documentos que nos ajudam a compreender a disponibilidade dos católicos presentes no Concílio Vaticano II de corrigir, na atualidade, exemplos de intolerância presentes no seu passado. De acordo com as interpretações do teólogo alemão, na *Dignitatis Humanae* e na *Nostra Aetate*, há uma transformação mais profunda nas atitudes da Igreja Católica, pois, tal instituição demonstra a compreensão sobre a necessidade de afastar-se do poder terreno, do seu passado de imposição da fé e afinamento com o poder político instituído. Nas palavras de Ratzinger:

Verificamos, portanto, que existem relações fundamentais entre a liberdade religiosa e a missão. Além do mais e conseqüentemente, devem existir também os métodos para dar vida a missão. Diz a Declaração conciliar: “Na difusão da fé religiosa e na introdução de costumes, sempre há de abster de qualquer tipo de ação que possa ter sabor de coibição ou de persuasão desonesta ou menos correta, sobretudo ao tratar de pessoas rudes ou indigentes. Tal modo de agir deve considerar-se como abuso do direito próprio e lesão do direito alheio” (RATZINGER, 2019, p. 499).

Os objetivos destes documentos nos levam a notar que a Igreja Católica pós Vaticano II se dispôs, ainda que em meio a penosos desafios impostos pela sua missão, a seguir o exemplo de Jesus e cada vez mais se torna desapegada do poder e das riquezas da terra, para apresentar as riquezas do Reino de Deus apresentadas nos Evangelhos. Outro aspecto também inovador foi a expansão de sua visão sobre a tolerância e maior disponibilidade para o diálogo com as outras religiões.

A declaração considera mesmo as religiões não cristãs como religiões que também são iluminadas por aquela luz que ilumina a todos os homens que vem a esse mundo, descobrindo nelas um fator cristológico. Note-se que esse fator cristológico não é nada desconcertante, embora essas religiões não adiram conscientemente ao cristo.

[...]. A Igreja exorta por isso seus filhos a que, com prudência e amor, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões, testemunhando sempre a vida e a fé cristãs, reconheçam, mantenham e desenvolvam os bens espirituais e morais, como também os valores socioculturais que entre eles se encontram.

Exorta-se ainda para que se estabeleça a fraternidade entre todos os homens, pois “quem não ama, não conhece a Deus” (1 Jo 4,8). Essa exortação é válida sobretudo para o missionário e para os métodos de trabalho que são adotados nas missões. [...] também para levar missionários a um sério exame de consciência sobre seus trabalhos e também para que eles possam examinar e comparar os seus métodos com os anteriormente empregados. Mais ainda: a exortação quer também que seja evitado todo e qualquer “europeísmo” no ambiente missionário. Fique também claro que se deve fazer uma distinção entre “missão cultural” e a “missão de fé” [...]. (RATZINGER, 2019, pp. 504-505).

Em síntese, Ratzinger defende que o diálogo faz parte da mensagem cristã, mas possui um limite. Assim, coloca em dois pontos os critérios que limitam o diálogo com o mundo: o diálogo nunca poderá substituir o trabalho e o mandato missionário da Igreja e, além disso, a mensagem de Jesus Cristo como salvador e redentor não pode ser colocada em questão no diálogo. Sobre os choques com o mundo terreno em detrimento desta escolha, comentou o teólogo em *o Novo Povo de Deus*:

[...] Abertura da Igreja ao mundo não significa, em hipótese alguma, eliminar o escândalo da cruz. Para que esta abertura e o diálogo sejam verdadeiros é preciso mostrar ao mundo qual a sua razão de ser e é preciso também, eliminar os outros escândalos que ofuscam o amor de Deus e que em seu lugar erigem monumentos ao egoísmo humano. (RATZINGER, 2019, p. 392).

Ratzinger nega, então, o isolamento da Igreja católica; se opõe à rejeição total dos valores modernos. Na sua visão, no Concílio Vaticano II, houve um esforço para rever e melhorar a relação entre Igreja e mundo. Entretanto, o encontro entre Igreja e os valores do mundo moderno, na visão ratzingeriana, não se dá de forma harmoniosa, pois “demostraria desconhecer tanto a Igreja como o mundo quem pensasse que essas duas realidades podem se encontrar sem conflitos, ou até mesmo possam identificar-se”. (ASSUNÇÃO,

2018, p. 127). Sobre isso, argumentou o teólogo:

[...] A fé cristã é, para os homens de todos os tempos, um verdadeiro escândalo. É escandaloso crer que Deus se ocupa conosco e nos conheça a fundo. É escandaloso crer que o imortal padeceu e morreu na cruz. É escandaloso crer que este mesmo Cristo morto por nós, prometeu-nos a ressurreição e a vida eterna. Crer parece algo bem desconcertante para o homem. Mesmo assim, o concílio não quis e não pôde eliminar este grande escândalo, eliminar-se-ia juntamente com ele o próprio cristianismo. (RATZINGER, 2019, p. 392).

Embora sua produção intelectual tenha chegado à defesa desta afirmação, o teólogo pontuou as dificuldades do cristianismo em se apresentar como uma proposta de salvação para a humanidade, uma opção de verdade. Em livros como *Fé, verdade, tolerância o Cristianismo e as grandes religiões do mundo* (2004), foram republicadas diversas reflexões do autor, escritas entre os anos 60 e 2000. Nelas há afirmações como: 1) Em primeiro lugar, é necessário procurar entender o que é a cultura e como as culturas se relacionam; 2) Da mesma maneira, é preciso considerar o fenômeno das religiões como tal, não partindo, portanto, das “religiões” como uma massa uniforme; 3) Faz-se necessário pesquisá-las no seu movimento histórico, nos seus tipos e nas suas estruturas essenciais, tanto como em seu possível inter-relacionamento, ou no seu ameaçador enfrentamento, para, em primeiro lugar, compreender, antes de tentar formular julgamentos; 4) Finalmente, está em debate a questão fundamental acerca do homem: o que é o homem e como pode tornar-se ele mesmo ou perder-se a si mesmo. E, além disso, é imprescindível a discussão se o homem foi criado para a verdade e de que maneira ele pode, ou mesmo precisa, formular a questão da verdade. (Cf. RATZINGER, 2016, p. 14).

Ao analisar historicamente alguns escritos de Joseph Ratzinger sobre o Concílio Vaticano II, percebemos que para o teólogo tal evento não foi um fato descontínuo, revolucionário e à mercê dos tempos e problemas que foram apresentados aos cristãos; mas sim, a continuação da obra do Deus professado pela sua fé (uno e ao mesmo tempo trino), no sentido de manter viva e atualizada sua mensagem para os homens e mulheres dos, então, novos tempos. Contudo, o Cristianismo, na sua concepção, ainda provoca tensões, marca um escândalo para os indivíduos demasiadamente apegados às coisas terrenas. Essa crença, presente nas suas ideias teológicas, não apresenta a religião professada pelos católicos como mais uma entre as demais existentes no mundo, (tal como defende as Ciências Humanas e Filosofia na atualidade), mas sim como portadora de uma verdade perene, embora essa não deva ser imposta, e seus defensores, por fidelidade a sua missão, não devam negar-se à prática do diálogo.

Para nós historiadores, crentes ou não, são esclarecedoras as ideias teológicas do alemão sobre a teologia conciliar, na passagem de uma conferência que impressionou o Papa João XXIII. O então pontífice chegou a pensar ser de autoria do Cardeal de Colônia, Joseph Frings, para o qual Ratzinger colaborou como assessor. Nela pode-se ler:

[...] Muitos erros e muitas interpretações falsas apareceram, pelo fato de terem

atribuído à Igreja os modelos de uma estrutura política e logicamente, perdeu-se de vista o caráter próprio e original que vem de Deus. O Concílio não é um parlamento como também os bispos não são deputados. Não recebem eles o poder e o mandato do povo que os elegeu. Os bispos, aliás, não representam o povo, mas representam a Cristo. É dele que recebem a missão e a ordenação. E quando se trata de defender e de preservar a autenticidade da palavra de Deus, não falam em nome e como delegados do povo, e sim em nome e encargo do próprio Jesus Cristo. [...] (RATZINGER, 2019, p. 220)

A teologia do Concílio Vaticano II em seu esforço de diálogo com a Filosofia, ciências e outras formas de pensamento do século XX, herdeiros de um mundo de aceleradas, traumáticas e profundas transformações, possuiu uma visão histórica da realidade; superou uma concepção abstrata do ser e linguagens inacessíveis às pessoas consideradas comuns. Por ter conservado o valor da ontologia, da definitividade das verdades reveladas, não sucumbiu ao relativismo segundo o qual as verdades dependem, em sua totalidade, das circunstâncias de tempo e espaço e não as superam em nada. (Cf. LIBANIO, 2005, p 77). Como um intelectual ligado à igreja católica, Ratzinger em parte trilhou por essa orientação, ao buscar, de certa maneira, uma síntese que valorizasse a fé, a razão e a história, lembrando aos fiéis de sua Igreja que religião e ciência possuem muitas vezes lógicas distintas, mas podem e necessitam relacionar-se.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Rudy Albino de; Gilcemar, HOEMBERGER. (org.). **O Primado do Amor e da Verdade. O Patrimônio Espiritual de Joseph Ratzinger – Bento XVI**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. **Bento XVI, A Igreja Católica e o “Espírito da Modernidade”** Uma análise da Visão do Papa Teólogo Sobre o “Mundo de Hoje”. 1ed. Aparecida, São Paulo: Ecclesiae, Paulus, 2018.

BENTO XVI. Discurso do Papa Bento XV aos Cardeais, Arcebispos e prelados da Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal, 22 de dezembro 2005.

BLANCO, Pablo. **Joseph Ratzinger uma Biografia**. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2005.

BOFF, Leonardo. **Pelos Pobres, Contra a Estreiteza do Método**. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=33512>> Acesso em maio de 2013.

\_\_\_\_\_. A Entrevista de Boff sobre Bento XVI que a Folha Engavetou. <https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-entrevista-de-boff-sobre-bento-xvi-que-a-folha-engavetou/>. Acesso 06 de Outubro de 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas sobre a teoria da ação**. Tradução Marilza Corrêa. 9 ed. São Paulo: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Economia das trocas simbólicas**. Tradução Sergio Miceli [et. Al]. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: Entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa, Portugal: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. O Mundo como representação. In: À Beira da Falésia. A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, pp. 61-79.

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instruções sobre a Liberdade cristã e a Libertação Carta do Papa à CNBB sobre a Missão da Igreja e a Teologia da Libertação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HABERMAS, Jurgen; RATZINGER, Joseph. **Dialética da Secularização Sobre Razão e Religião**. Tradução Alfred J. Keller. Aparecida, SP: Ideias e letras, 2007.

KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico (Org.). **Compêndio do Vaticano II: Constituições Decretos e Declarações**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.

MATTEI, Roberto de. **O Concílio Vaticano II uma história nunca escrita**. Tradução Maria José Figueiredo. São Paulo: Ambientes e Costumes, 2013.

PEREIRA, D. R. P. Considerações Preliminares Sobre Interpretações do Concílio Vaticano II em Escritos de Joseph Ratzinger e Leonardo Boff (1971-2005). In: **30º Simpósio Nacional de História: História e o Futuro da Educação no Brasil**, 2019, Recife.

\_\_\_\_\_. Pensamentos de Joseph Ratzinger e Leonardo Boff Alguns Pontos de Aproximações e Distanciamentos In: **31º Simpósio Nacional de História – História, Verdade e Tecnologia**, 2021, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. JOSEPH RATZINGER E LEONARDO BOFF: ALGUNS PONTOS DE APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO In: Chave de compreensão da história: cultura & identidades 2. 1ed. Ponta Grossa: Atena, 2021, pp. 73-87.

RATZINGER, Joseph Bento XVI; D'ARCAIS, Paulo Flores. **Deus Existe?** 2 ed. São Paulo: Planeta, 2016. [1 ed. 2009].

RATZINGER, Joseph; MESSORI, Vitória. **A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se Interroga**. São Paulo: UPU, 1985.

RATZINGER, Joseph. As Implicações pastorais da doutrina sobre a Colegialidade dos Bispos. **Concilium** n. 1 Dogma. pp. 27-49, jan. 1965.

\_\_\_\_\_. **O que é ser cristão**. Tradução Geraldo Honorato Michel. São Paulo: Paulinas, 1969.

\_\_\_\_\_. Transmissão da Fé e Fontes da Fé. **Communio**. n. 15. pp. 177-201. Meses (?). 1984.

\_\_\_\_\_. **O Sal da Terra, O Cristianismo e a Igreja Católica no liminar do Terceiro Milênio:** Um diálogo com Peter Seewald. Tradução Inês Madeira de Andrade. Rio de Janeiro: Imago, 1997. [1 ed. 1996].

\_\_\_\_\_. **Compreender a Igreja hoje:** vocação para comunhão. Tradução D. Matheus Ramalho Rocha. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. [1 ed. 1992].

\_\_\_\_\_. **Lembranças de Minha Vida.** 2ed. São Paulo: Paulinas, 2007. [1 ed. 2006].

\_\_\_\_\_. **Natureza e Missão da Teologia.** Tradução Carlos Almeida Pereira. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. [1 ed. em português 2008, ano de publicação 1993].

\_\_\_\_\_. **Dogma e Anúncio.** Tradução Pe. Antônio Steffen SJ. São Paulo: Loyola, 2008. [1 versão publicada como Dogma e anunciação. Loyola, São Paulo 1977].

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Cristianismo.** Preleções sobre o símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. 8 ed. São Paulo: Loyola, 2015. [1 edição 1968].

\_\_\_\_\_. **Fé, verdade, Tolerância:** O Cristianismo e as Grandes Religiões do Mundo. Tradução Silvar Hoepfner Ferreira. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2016. [1 edição brasileira 2013, ano de publicação 2004].

\_\_\_\_\_. **O Novo Povo de Deus.** 2 ed. São Paulo: Molokai, 2019. [1 edição 1969].

\_\_\_\_\_. **Deus e o Mundo. Fé e Vida em Nosso Tempo:** Uma Conversa com Peter Seewald. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Molokai, 2020. [1 edição 2000].

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”.** São Paulo: Paulinas, 1984.

SARTO, Pablo Blanco. **Bento XVI O Papa Alemão.** Tradução Rudy Albino de Assunção e Cesar Colera Bernal. São Paulo: Molokai, 2019. V1.

SILVA, Emerson Mozaard da. **A Igreja – povo de Deus na Perspectiva teológica de Joseph Ratzinger:** Uma Eclesiologia à partir “do retorno as fontes”. 2017, 125p. Dissertação (Mestrado em Teologia) Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

VIEIRA, Edir. **O “absoluto da fé” e a crítica do relativismo em Ratzinger.** 2011. 186p. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade:** Fundamentos da Sociologia Compreensiva. 4ed. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 2015. V.1. pp. 310-314.

TORNIELLI, Adrea. **Bento XVI O Guardião da Fé.** Tradução Maria Judith Supupira da Costa Lins. Rio de Janeiro: Record, 2006.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise narrativa 1, 2, 3, 4, 5, 7, 12

Arte paleocristã 45

### B

Bíblia Hebraica 1, 4, 5

### C

Ciberteologia 16, 21, 22, 26, 27

Comunicação 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 54, 57, 59, 60

Concílio Vaticano II 17, 20, 21, 29, 30, 32, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 49, 51

### D

Despreconceituosamente 65, 66, 67

Diálogo 4, 9, 19, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 57, 65

### E

Era digital 16, 17, 20, 23, 24, 26

Espiritualidade 22, 54, 58

Evangelização 16, 17, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27

Exegese Bíblica 1, 4

### H

Hierarquia 29, 31, 33, 48

### I

Igreja Católica 16, 22, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 66, 67

### L

Linguagem imagética 54

### N

Narrativa do Êxodo 1

### P

Pastoral 16, 17, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 35, 38

Povo de Deus 34, 35, 40, 44

Preconceito 68

## **R**

Religião 14, 15, 16, 29, 41, 42, 43, 48, 54, 58, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

## **S**

Séfora 1, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Simbologia 54, 57, 58, 59, 60, 61

## **T**

Tarô 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

## **U**

Umbanda 60, 65, 66, 67, 68, 69

# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# *Religião*

## *e sentido à vida:*

---

### *Narrativas, histórias, tradições e símbolos*

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

